

PESQUISA/INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PESQUISA/ INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**AVALIAÇÃO DE NÍVEIS CRESCENTES DE INCLUSÃO DE FARINHA DE
SOJA MICORIZADA INTEGRAL EM DIETAS DE VACAS LEITEIRAS EM
LACTAÇÃO: FERMENTAÇÃO RUMINAL**

Thaís Da Silva Fernandes (thaissilvafernandes9@gmail.com)

Euclides Reuter De Oliveira (euclidesoliveira@ufgd.edu.br)

Nathalie Ferreira Neves Paludo (nathalienevespaludo1@outlook.com)

Eduardo Lucas Terra Peixoto (eduardopeixoto@ufgd.edu.br)

Isabela Cristina Silva (ic7588211@gmail.com)

Henrique Silva De Lima (hrquelima@outlook.com)

O grão de soja é amplamente utilizado na alimentação de animais de produção, sendo fonte proteica e energética. A soja é processada comumente em farelos e farinhas. A farinha de soja micronizada (FSM) é resultado de um processamento térmico e extração de óleo, passando por moinhos micronizadores que reduzem as partículas em tamanho de 1 a 10 micras, qual apresenta teores de 41% de proteína bruta (PB) e 6% de extrato etéreo (EE). Objetivou-se com este trabalho avaliar os níveis da inclusão de farinha de soja micronizada nas dietas de vacas leiteiras sobre a fermentação ruminal, avaliando o pH e ácidos graxos de cadeia curta (AGCC). O experimento foi realizado no setor de Nutrição de Ruminantes da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) da Universidade Federal da Grande Dourados. Foram utilizadas 5 vacas primíparas da raça Jersey em terço médio de lactação (100 dias) com produção de leite média de 15 kg/dia, distribuídas em delineamento em

quadrado latino duplo, com 5 tratamentos. O período experimental correspondeu a 80 dias, com 5 período de 12 dias de adaptação e 4 dias de coleta de dados. Os tratamentos consistiram na substituição do grão de soja integral pela farinha de soja micronizada (FSM), nos seguintes níveis: 0, 6, 12, 18 e 24% (com base na dieta total). Para a determinação da fermentação ruminal as amostras de líquido ruminal foram coletadas no 16º dia de cada período experimental, por meio de sonda esofágica, 4 horas após alimentação. Logo após a coleta foram determinados os valores de pH ruminal empregando potenciômetro. As amostras de líquido ruminal foram processadas em laboratório e analisados com cromatografia gasosa para mensuração dos AGCC. Os dados foram submetidos à análise de variância, com nível de significância de 5% e avaliados por regressão polinomial simples. O pH ruminal não foi influenciado ($p > 0,001$) pelas dietas experimentais. As maiores concentrações de acetato e propionato, bem como a proporção molar total de ácidos graxos foram obtidas na dieta com 18% de inclusão, já as menores concentrações de acetato e propionato ocorreram na dieta com 24% de inclusão, indicando um efeito na fermentação ruminal, em função dos altos teores de gordura presentes na dieta. Pode-se concluir que o uso da FSM nas condições testadas não altera o pH ruminal, com algumas alterações no perfil de ácidos graxos de cadeia curta e produção total de AGCC, sem alteração sobre a relação acetato propionato podendo ser utilizada em dietas de vacas leiteiras sem comprometer o pH ruminal.

Palavras-chave: acetato; ácidos graxos; bovinos leiteiros; rúmem.